

Resenha

FRANCISCO, Papa. *Encíclica Dilexit Nos*: sobre o amor de Jesus pela humanidade. Vaticano, 24 out. 2024.

Paulo Afonso Tavares¹

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus atravessa séculos de espiritualidade católica como expressão teológica e afetiva da centralidade do amor na experiência cristã. Formada na confluência da piedade medieval com os desdobramentos da Reforma Católica, essa devoção encontrou em Santa Margarida Maria Alacoque e no apoio jesuítico projeção contínua que, a partir do século XVII, se consolidou como uma das formas relevantes de culto ao Cristo encarnado. A história da Igreja, porém, registra momentos em que essa espiritualidade foi apropriada por discursos morais rígidos e práticas litúrgicas distantes da realidade dos povos. O Concílio Vaticano II, ao propor eclesiologia de comunhão e reorientação antropológica da teologia, abriu caminho para nova leitura dessa herança. O magistério do Papa Francisco retoma criticamente a mística do coração e a toma como eixo de compreensão do ser humano em sua inteireza corporal, relacional, afetiva e espiritual.

Nesse horizonte se situa a encíclica *Dilexit Nos*, publicada em 2024, no décimo primeiro ano do pontificado de Francisco, com o subtítulo “sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus”. Lançada por ocasião dos trezentos e cinquenta anos das aparições do Sagrado Coração a Margarida Maria e das celebrações jubilares da Igreja, a encíclica apresenta proposta de conversão antropológica a partir do coração, entendido não como metáfora sentimental, mas como categoria constitutiva da identidade humana e cristã. A leitura do documento ganha consistência quando

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS). Além disso, possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela PUC GOIÁS e graduação em Filosofia (Bacharel) pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (Ifiteg). Especialização em Mídias Interativas pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Está vinculado ao Grupo de Pesquisa (GP) Comunicação e Religiões da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). E-mail: jor.pauloafonso@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7254003435294622>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6950-6451>.

dialoga com a dissertação de mestrado de Neusa Maria Falcalde, *A mística do Coração de Jesus: experiência de Deus e compromisso com a vida* (PUCPR, 2010), que sistematiza a espiritualidade do coração como experiência interior e impulso para a ação social.

Na introdução de *Dilexit Nos*, Francisco parte de Rm 8,37 — “Amou-nos” — para afirmar a primazia do amor de Deus como fundamento da vida cristã. Essa ênfase encontra eco no conceito de “mística do encontro” proposto por Falcalde (2010, p. 115), que define o coração como lugar da experiência fundante com Deus e com o próximo, gerando compromisso com a vida.

O primeiro capítulo, “A importância do coração”, recupera o sentido do termo *kardía* na tradição grega e bíblica como sede do discernimento e da verdade interior. Francisco afirma que “o coração é igualmente o lugar da sinceridade, onde não se pode enganar ou dissimular” (*Dilexit Nos*, n. 5). Falcalde (2010, p. 56) corrobora ao indicar o coração como espaço de enraizamento da fé, da memória salvífica e da vocação à transformação pessoal e social. Ambos rejeitam a dicotomia entre razão e afeto, espiritualidade e corporeidade, mística e práxis.

Ao analisar a sociedade contemporânea, Francisco descreve cultura líquida, fragmentação do eu e superficialidade relacional como sintomas da “sociedade anticoração” (*Dilexit Nos*, n. 17). Como contraponto, propõe retorno ao coração como lugar de unidade interior onde razão, vontade, imaginação e desejo se integram na busca do bem. Falcalde (2010, p. 119) destaca que o coração habitado pelo amor de Cristo oferece critério de discernimento histórico, resistência ética e semente de compromisso social.

No segundo capítulo da encíclica, “Gestos e palavras de amor”, Francisco apresenta Jesus como expressão plena do amor encarnado. Em vez de explicações teológicas abstratas, o Papa convida a contemplar atos concretos de Cristo, aproximações, toques, curas, olhares e escuta, como manifestações do seu coração. “Mostra-o nos seus gestos; observando-o, podemos descobrir como trata cada um de nós” (*Dilexit Nos*, n. 33). O cristianismo funda-se, portanto, em encontros que revelam o modo de Deus agir.

Episódios evangélicos evidenciam que o amor de Jesus é situado e pessoal: o diálogo com a samaritana, o olhar dirigido ao jovem rico, a compaixão pela multidão abatida, o toque sobre os enfermos e a escuta dos pecadores arrependidos. Cada

gesto confirma um coração que se faz próximo e reconhece a dignidade do outro. A teologia presente nessas cenas é narrativa, não dedutiva. Falcalde observa que é na corporeidade das relações de Jesus que se revela o coração de Deus, não como conceito abstrato, mas como presença afetiva e transformadora (2010).

O coração de Jesus não simboliza um amor idealizado; testemunha um amor efetivo, capaz de tocar corpos, acolher erros e sustentar fragilidades. Francisco afirma que “o Senhor conhece a bela ciência das carícias” (*Dilexit Nos*, n. 36). A encíclica critica espiritualidades distantes e rigoristas, propondo uma espiritualidade do toque, do olhar e do acolhimento. Falcalde resume que a mística do coração é política da ternura, pedagogia da escuta e ética da compaixão (2010).

Esse coração que perdoa não se opõe à verdade; antes a aprofunda. Quando Jesus diz à mulher adúltera que não a condena, não banaliza o erro; abre a possibilidade de vida reconciliada. Francisco cita Mt 9,13 (“Prefiro a misericórdia ao sacrifício”) para denunciar culto desvinculado da vida. Falcalde (2010) afirma que radicalidade do Coração de Jesus está em propor a justiça que nasce da compaixão e não da punição. A espiritualidade do coração surge, assim, como crítica a sistemas excludentes e como convite a uma práxis reconciliadora.

O coração, nesse horizonte, não é símbolo psicológico, mas lugar teológico onde se inscrevem perdão, dignidade e comunhão. Francisco enfatiza: “Somente o Senhor se dispõe a tratar-nos sempre e para sempre como um ‘tu’” (*Dilexit Nos*, n. 25). Essa reciprocidade funda uma antropologia relacional. “Somos o nosso coração” (*Dilexit Nos*, n. 14). Falcalde esclarece que, nele, “se configura a identidade crente como identidade relacional, marcada pelo afeto, pela memória da fé e pela entrega de si” (2010, p. 89).

Com esse itinerário, a encíclica propõe uma espiritualidade que refaz a gramática da vida cristã: do moralismo ao acompanhamento, da rigidez à escuta, da norma à ternura e da autoridade ao serviço. O coração de Jesus torna-se princípio de toda a missão eclesial. Francisco apresenta um Cristo que olha, escuta e age, cuja identidade é amor que se faz carne e toca o coração humano sem banalizar suas feridas.

Na parte conclusiva da encíclica, Francisco reforça a tese central de que o coração não se reduz ao centro da afetividade individual, mas constitui o ponto originário dos vínculos sociais, das experiências comunitárias e das estruturas

históricas de reconciliação. Ao afirmar que “o mundo pode mudar a partir do coração” (*Dilexit Nos*, n. 28), ele rompe com a dicotomia entre espiritualidade e política, fé e história, interioridade e transformação estrutural. É uma teologia do coração que transforma a mística em práxis e a experiência de Deus em engajamento com a vida dos povos.

O Concílio Vaticano II, citado por Francisco como marco de abertura da Igreja ao mundo contemporâneo, sustenta essa perspectiva: “os desequilíbrios de que sofre o mundo atual estão ligados com aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem” (*Dilexit Nos*, n. 29). Não se trata de antropologia idealizada, mas da consciência da fragilidade humana que exige, além da técnica e da política, uma conversão afetiva profunda. O Papa resgata o coração como espaço de escuta onde Deus aguarda a resposta humana “sob o olhar do Senhor” (n. 29).

Neusa Falcalde (2010) concorda ao indicar que a mística do Coração de Jesus é lugar de denúncia das violências que atravessam os corpos vulneráveis e de anúncio de um amor que não se resigna à injustiça. A autora recoloca a espiritualidade como eixo crítico das relações sociais, superando leituras intimistas que esvaziam o Evangelho de sua força histórica. Para ela, o coração não afasta do mundo, mas oferece nova sensibilidade que reverte a lógica da exclusão.

A encíclica salienta que “o nosso coração unido ao de Cristo é capaz deste milagre social” (*Dilexit Nos*, n. 28), recusando a redução da fé à esfera privada e reafirmando a vocação pública do cristianismo. A pertença eclesial exige compromisso com dignidade, paz e reconciliação dos povos. Francisco afirma que o coração pacifica “os diferentes intelectos e vontades” e transforma a comunidade em “rede de irmãos” (n. 28), substituindo estruturas excludentes por vínculos de solidariedade. Na mesma linha, Falcalde (2010) afirma que a espiritualidade do coração não pode estar dissociada das estruturas que organizam a vida social; ela é interpelada pelas dores do mundo e se manifesta como ternura política.

O Papa define o Coração de Cristo como “fornalha ardente de amor divino e humano” (n. 30), oferecendo à teologia e à espiritualidade novo ponto de partida baseado na integração entre afeto, corpo e transcendência. Essa visão se aprofunda ao declarar que “Cristo é o coração do mundo” (*Dilexit Nos*, n. 31), formulação que situa o amor encarnado de Jesus como princípio unificador da realidade. Falcalde

(2010) reconhece que o coração do Cristo pascal é lugar teológico onde convergem as dores humanas e a esperança escatológica.

Ao concluir a encíclica, Francisco sustenta que a resposta à fragmentação contemporânea nasce da recuperação do coração como núcleo espiritual e político da existência. A imagem da “casa de hóspedes”, inspirada em Martin Heidegger e relida em chave cristológica, propõe hospitalidade baseada em ternura e reverência. Falcalde (2010) sintetiza: o coração que se deixa tocar pelo amor de Cristo torna-se sacramento de esperança para o mundo.

Na avaliação global de *Dilexit Nos*, percebe-se esforço de recolocar a espiritualidade do coração como categoria antropológica e pastoral para o século XXI. Entre as contribuições destaca-se a coragem de propor o coração como centro unificador da pessoa em contraste com as fragmentações contemporâneas. Francisco integra tradição bíblica e patrística ao situar o coração como lugar de discernimento, memória e decisão ética, enfrentando patologias modernas de indiferença e racionalidade instrumental. O método narrativo reforça essa proposta, pois elabora a teologia por meio de imagens, gestos e episódios evangélicos que revelam o amor encarnado.

A encíclica também amplia o alcance eclesiológico e social da espiritualidade, oferecendo critério pastoral e força de reconciliação política. Limitações metodológicas existem, como a ausência de definição rigorosa do estatuto epistemológico do coração e referências filosóficas pouco desenvolvidas, mas não comprometem o valor do texto. A dissertação de Falcalde supre essas lacunas ao articular mística, corporeidade e história.

A *Dilexit Nos* reafirma o coração como chave teológica e pastoral diante de crises afetivas, solidão espiritual e desintegração comunitária. O Papa propõe retorno ao coração como espaço de verdade, escuta e amor, reinterpretando antigas devoções à luz de espiritualidade encarnada e comprometida. O coração, como Francisco insiste, é a “casa de hóspedes” onde Deus habita e de onde pode surgir nova humanidade. A leitura crítica, iluminada por Falcalde, mostra que o Coração de Jesus se apresenta como proposta existencial para um tempo em que amar, escutar e acolher se tornam gestos decisivos e proféticos.

Referências

FRANCISCO, Papa. **Encíclica *Dilexit Nos***: sobre o amor de Jesus pela humanidade. Vaticano, 4 out. 2023.

FALCALDE, Neusa Maria. **Coração de Jesus**: história, cultura e teologia em torno de uma devoção religiosa. 2010. 103 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

Recebido: 07/05/2025
Aprovado: 06/06/2025